



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

REEDIÇÃO DO LIVRO PORTUGAL AMORDAÇADO DE MÁRIO SOARES

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – 18 DE ABRIL DE 2017

Mário Soares deixou-nos no início deste ano.

Todos reconhecemos na altura que a dimensão do seu legado era demasiado grande para não ser lembrada, frequentemente. Realmente, Mário Soares tem uma herança tão forte que não será certamente esquecida.

Mário Soares foi maior do que a vida, no sentido em que a sua vida política mudou a nossa vida coletiva.

Mário Soares tinha uma cumplicidade única com o mundo dos livros e da cultura. Como Churchill e Mitterrand, grandes estadistas do século XX, ele percebia bem que tanto a grande política como a grande literatura pressupõem uma voz própria e um estilo inconfundível.

Mário Soares foi autor e protagonista de uma vida política digna de uma grande personagem.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Publicou sempre muito. Escrevia regularmente o seu diário. Mas muitos reconhecem no Portugal Amordaçado talvez a sua obra escrita mais interessante.

É desde logo uma obra com uma forte componente memorialística, em que se dúvidas tivéssemos percebemos bem em que tradição histórica nacional se insere Mário Soares: está desde novo ao lado do Portugal do constitucionalismo, do liberalismo, da república, dos ideais democráticos, contra o Portugal absolutista, conservador, tradicionalista e autoritário.

É aliás nesse sentido, permitam-me o parêntesis, que celebramos a partir deste ano, na Assembleia da República, os 200 anos de constitucionalismo e das primeiras revoltas liberais.

No fundo, fazemo-lo como celebração da liberdade e como valorização de uma herança histórica progressista que teve continuidade, que mantém plena de atualidade, e na qual Mário Soares ocupa um lugar de destaque.

Lembro-me desse tempo do Portugal Amordaçado.

E ainda me lembro como a obra com o mesmo nome foi inspiradora para a geração dos meus pais.

Na altura, olhávamos para o Portugal Amordaçado como um exemplo de coragem, escrito por alguém que tinha sido preso político e que estava então exilado.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Hoje lemos o Portugal Amordaçado não só como exemplo de coragem cívica, mas também como um impressionante caso de lucidez política.

É justamente este o livro que o Expresso relança hoje e que será distribuído com o jornal nas próximas semanas.

Não podemos pois deixar de saudar o Expresso, aqui na pessoa dos seus diretores e do seu fundador, por mais esta iniciativa de serviço público.

Ali encontramos as opções políticas mais profundas de Mário Soares, que no essencial viriam a ser as grandes opções democraticamente partilhadas pelos portugueses anos mais tarde.

O Portugal que deixámos de ser está retratado neste livro; assim como o Portugal em que nos tornámos.

No essencial, a visão estratégica de Mário Soares está lá toda: a democracia, a descolonização, a integração europeia.

Deixámos de estar vergonhosamente sós, e passámos a estar acompanhados numa comunidade de democracias europeias em diálogo com os nossos amigos de língua portuguesa.

As escolhas que Mário Soares fez e as causas que liderou parecem hoje adquiridos. A democracia, a Europa, a abertura ao mundo...



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

O Portugal democrático, europeu e cosmopolita é o País com que sonhou Mário Soares no tempo do Portugal Amordaçado.

Mas se houve coisa que Mário Soares nos ensinou foi que é preciso lutar por aquilo em que acreditamos. Sempre.

Lutar sempre, e defender todos os dias essas escolhas e essas causas, através do seu aperfeiçoamento e num permanente espírito de insatisfação democrática.

A política é sempre um combate de ideias. Em democracia é um combate feito com lealdade e regras, mas nem por isso com menos convicção.

Mas, para mim, que antes de ser deputado e ter a mais alta responsabilidade entre todos eles, já me batia também contra o regime, a ditadura e a guerra colonial, este também é um momento de balanço crítico e de memória.

Em 1972, quando Mário Soares publicou em Paris este livro, com 22 anos e a acabar o curso de Economia no ISCEF, julgava (julgávamos muitos) que tudo sabia. Nesse ano em concreto, muitos acontecimentos graves se tinham dado - a intervenção da polícia de choque na minha Escola, o assassinato de Ribeiro dos Santos, os encerramentos de várias Associações.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

As gerações com uma única etiqueta não existem. Na minha geração havia gente anti-ditadura, gente complacente e quem apoiasse o regime – muito poucos. Mas o que fica de uma geração, e neste caso da geração de 68, 69, 70, é a marca que lhe dão os mais ativos de então. E aí tenho de afirmar que nessa geração o que fica são as consequências do Maio de 68, a extraordinária greve aos exames dos estudantes de Coimbra em 1969, aquela maravilhosa final da Taça de Portugal nesse mesmo ano, os cursos livres em Económicas e no Técnico, a invasão do ISCEF pela polícia de choque, o assassinato de Ribeiro dos Santos. E, em paralelo, a entrada nas Forças Armadas, como milicianos, de muitas centenas de estudantes que tinham vivido algumas dessas experiências, o que não foi despiciendo para o Abril de 74.

Em 1972, tinha 22 anos e estava convencido de saber tudo sobre tudo... Não era verdade, evidentemente. Embora os princípios e o carácter não mudem.

Em 1972, o livro de Mário Soares passou-me ao lado.

Aliás, em Abril de 1974, quando na madrugada do dia 25, o MFA estava na rua, sei hoje que estava muito mais informado do que Mário Soares. Soube na véspera.

Para nós (a parte da minha geração, que se tinha radicalizado na sequência da desgraça do 25 de Novembro de 67, da guerra do Vietnam, das guerras coloniais, do Maio de 68 e dos movimentos estudantis de finais dos anos sessenta e começos dos anos setenta), a social democracia era o passado. Para nós, o futuro era a revolução socialista, sem sabermos bem o que poderia significar. E não bastava alguém autoproclamar-se como socialista para nos conduzir.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Lembro-me de Mário Soares ter feito uma intervenção em Lisboa, a convite de Vera Lagoa, e ter sido assobiado com cânticos “É sempre a mesma melodia, Mário Soares e a social-democracia”... Isto anos antes do 25 de Abril.

A distância que nós, miúdos dos anos sessenta, tínhamos de Mário Soares exprimia-se nos gostos musicais – saberia Mário Soares o que era o som dos Rolling Stones e mais tarde dos Doors? - mas sobretudo na forma como pensávamos que o regime político poderia cair: só através da violência armada e da luta de massas e não do abaixo-assinado de ilustres advogados. E exprimia-se sobretudo no que se seguiria – para nós o socialismo democrático, porque baseado num imaginário poder popular representativo do povo, nas suas diferentes expressões – trabalhadores, moradores, conselhos de aldeias, etc.

E agora devo dizer, a social democracia era imensamente minoritária nas universidades, nos movimentos sociais.

Mas Mário Soares soube manter-se firme nos princípios e na estratégia implacavelmente pragmática nas alianças contra o Fascismo e quaisquer ditaduras.

Mário Soares foi coerente e forte contra a ditadura e a guerra colonial, foi transparente quando tentou uma frente de esquerda que se revelou impossível em 74. Foi corajoso quando se aliou com todos os que temiam uma nova ditadura em 75. Foi um Primeiro-Ministro com tolerância democrática nunca vista em 76-78. Foi um combatente do País em 83-84 no Bloco Central. Foi um extraordinário Presidente da República entre 86 e 96.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente

Foi crítico implacável, às vezes certo, outras vezes não, sobre a estratégia do PS, depois disso. Mas foi coerente. Alertou o País sobre as possíveis péssimas consequências da globalização, sobre a evolução no Norte e Sul da União Europeia, sobre os resultados das políticas de austeridade com disciplina imposta.

Hoje, lendo o “Portugal Amordaçado” verifica-se que, de todos os protagonistas da intervenção política em Portugal dos últimos 50 anos, Mário Soares foi o mais coerente, o mais consequente e o mais vitorioso.

Muito obrigado, Mário Soares! E honremos a sua memória, afirmando que nos bateremos para que o nosso País não volte a ser amordaçado. Somos uma democracia com vários poderes. Nenhum pode agir sem controlo e sem crítica. O Senhor Presidente da República está cá, também para isso!

Muito obrigado pela vossa atenção.

Eduardo Ferro Rodrigues